

CORREIO NO MUNDO



Reuters/Folhapress

Estratégia americana de segurança agradou os russos

Rússia elogia a estratégia de segurança dos EUA

A Rússia defendeu, neste domingo (7), a nova estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos, baseada na abordagem nacionalista do presidente americano, Donald Trump, e disse que ela está “globalmente em conformidade” com a visão de mundo de Moscou.

“Os ajustes que observamos, eu diria, estão globalmente em conformidade com a nossa visão”, declarou o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, em entrevista à televisão pública russa. Peskov disse esperar que a nova estratégia americana “possa constituir uma garantia modesta para a capacidade de continuar de forma construtiva o trabalho conjunto para encontrar uma solução pacífica na Ucrânia”.

O documento publicado pelos EUA na sexta-feira (5) falava sobre temas considerados extremamente complexos na questão social que toma o hemisfério norte.

Documento traz pontos sensíveis

O documento que detalha a estratégia de segurança norte-americana cita pontos como o “desaparecimento da civilização europeia” e defesa da luta contra as “migrações em massa” e a restauração do “predomínio dos Estados Unidos na América Latina”.

As questões são extremamente sensíveis na Europa.

Europa teme perder apoio americano

A nova estratégia americana foi particularmente mal vista pelos aliados europeus de Washington. Desde que voltou à Casa Branca, e mesmo antes de vencer a eleição de 2024, Trump não escondia o desdém por líderes europeus e as críticas pelo que ele julga ser um gasto insuficiente com a defesa do continente, segundo Trump dependente dos EUA.

Com receio de perder de vez o aliado, no entanto, líderes europeus hesitam em criticar abertamente o americano.

Em publicação no X, por exemplo, Donald Tusk, primeiro-ministro da Polónia -um dos países temerosos da expansão russa e belicosos da União Europeia- escreveu que post dirigido aos “queridos amigos americanos” afirmando que “a Europa é seu aliado mais próximo, não seu problema”.

“Nós temos inimigos em comum. Ao menos tem sido assim nos últimos 80 anos. Temos que nos ater a isso, essa é a única estratégia razoável para nossa segurança compartilhada. A não ser que algo tenha mudado”, escreveu Tusk.

Landau critica aliados europeus

Número dois do Departamento de Estado dos EUA, Christopher Landau criticou os aliados. “Ou as grandes nações da Europa são nossos parceiros na proteção da civilização ocidental que herdamos delas ou elas não são. Não podemos fingir que somos parceiros enquanto essas nações permitirem que a burocracia não eleita, não democrática e não representativa da UE em Bruxelas busque política de suicídio civilizacional”, escreveu no X.

Governo da Polónia



Donald Tusk segue com o temor da expansão russa

Golpe em Benin

Um grupo de soldados do Benin, no oeste da África, anunciou na rede de televisão nacional que havia tomado o poder neste domingo (7). Em seguida, o ministro do Interior, Alassane Seidou, afirmou em pronunciamento também pela TV que a situação estava sob controle, após o caos momentâneo.

Grupo militar

Seidou afirmou que “um pequeno grupo de soldados lançou um motim com o objetivo de desestabilizar o país e suas instituições”. Pelo menos oito soldados apareceram na transmissão da televisão estatal para anunciar que um comitê militar liderado pelo coronel Tigri Pascal havia assumido o poder.

Eleições à vista

O grupo afirmou que o comitê estava dissolvendo as instituições nacionais, suspendendo a Constituição e fechando as fronteiras aéreas, terrestres e marítimas. A tentativa de golpe ocorre enquanto o Benin se prepara para uma eleição presidencial, em abril, que marcaria o fim do mandato de Talon, no poder desde 2016.

Tiros em Cotonou

“O Exército se compromete solenemente a dar ao povo beninês a esperança de uma era verdadeiramente nova, em que fraternidade, justiça e trabalho prevalecem”, disse o grupo. Tiros foram ouvidos em vários bairros de Cotonou, centro econômico do país. A embaixada da França relatou tiros perto da residência do presidente Patrice Talon em Cotonou.

Olushegun Bakari

O Ministro das Relações Exteriores, Olushegun Adajadi Bakari, também afirmou à agência Reuters antes do pronunciamento do ministro do Interior que “um pequeno grupo” de soldados havia tentado derrubar o governo, mas que forças leais a Talon trabalhavam para restaurar a ordem.

Controle da TV

“Há uma tentativa, mas a situação está sob controle. Uma grande parte do Exército ainda é leal e estamos assumindo o controle da situação”, disse Bakari. Ele afirmou que os soldados que tentaram o golpe só obtiveram controle da TV estatal, cujo sinal foi cortado mais tarde na manhã de domingo.



Afirmção de Binyamin Netanyahu esquentou polêmica

Netanyahu quer segunda fase de plano para Gaza

Apesar de divergências, premiê diz que 2ª fase de plano aproxima

Por Guilherme Botacini (Folhapress)

O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, afirmou neste domingo (7) que a segunda fase do plano de paz para a Faixa de Gaza se aproxima, a despeito de divergências persistentes sobre elementos fundamentais para a continuidade da trégua, como a estrutura de governo e segurança do território e a deposição de armas pelo Hamas.

Durante entrevista coletiva com o primeiro-ministro alemão, Friedrich Merz, em visita a Jerusalém, o premiê israelense afirmou ainda que se reunirá com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ainda neste mês para discutir os próximos passos do acordo.

Netanyahu também passa por momento de grande pressão política interna. Com o avanço esperado do fim do conflito em Gaza, as atenções se voltam novamente para acusações de corrupção de que ele alvo --o premiê pediu ao presidente do país, Isaac Herzog, que recebesse indulto.

Na entrevista coletiva, Netanyahu afirmou que não se aposentaria da vida pública em troca do perdão, possibilidade aventada por opositores durante a semana. “Eles estão muito preocupados com meu futuro, assim como os eleitores, e eles vão decidir”, disse a Merz durante a entrevista.

Negociações sobre as próximas etapas do plano de Trump para encerrar a guerra de dois

anos no território palestino continuam em andamento, mas sob pressão de países árabes e muçulmanos com relação às etapas que se seguem à devolução de todos os corpos dos reféns israelenses ainda em Gaza, principal ponto da primeira fase para Israel - apenas os restos mortais de Ran Gvili continuam no território.

Neste sábado (6), o primeiro-ministro do Qatar, Mohammed bin Abdulrahman al-Thani, descreveu o momento das negociações como crítico e rejeitou chamar o status atual do acordo como um cessar-fogo.

“O que nós fizemos foi apenas uma pausa. Não podemos considerar um cessar-fogo ainda. Um cessar-fogo não pode ser completo a não ser que ocorra uma retirada completa das forças de Israel, que a estabilidade volte a Gaza e que as pessoas possam entrar e sair, o que não é o caso hoje”, disse.

A mensagem foi ecoada pelo chanceler da Turquia, Hakan Fidan. À agência Reuters, o chanceler afirmou esperar o desarmamento do Hamas na fase inicial do plano não é “nem factível nem realista”, e que um caminho para isso seria estabelecer, antes de a facção depor as armas, um governo civil e uma polícia palestina treinada por forças internacionais e sem a participação do Hamas.

Fidan disse ainda que, se tentativas de avanço do plano não funcionarem, os esforços seriam vistos como um “imenso fracasso” do mundo e de Washington.